

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CULTURA ORGANIZACIONAL E ESTRESSE**MENTAL HEALTH AT SCHOOL: AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN ORGANIZATIONAL CULTURE AND STRESS**

Jackeliny Dias da Silva¹
Adriana Santos do Prado Sadoyama²
Bruno Marinho Sousa³
Geraldo Sadoyama Leal⁴

Resumo: O adoecimento docente é um fenômeno que vem chamando a atenção de pesquisadores em todo o mundo. Assim como o estresse, o qual afeta aspectos tanto aspectos físicos quanto psicológicos, chegando até mesmo à incapacitação do indivíduo. Desta forma, com intuito de compreender a relação entre estes fenômenos, o presente trabalho teve como objetivo investigar o quadro de estresse dos professores da rede pública de ensino na cidade de Catalão e sua relação com a cultura organizacional das escolas em que faziam parte. Participaram da pesquisa 81 professores, servidores efetivos na rede pública estadual, provenientes de 4 escolas. Os instrumentos utilizados para este levantamento foram o Inventário de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) o Instrumento Brasileiro para Avaliação da Cultura Organizacional (IBACO) e um Questionário semiestruturado para análise dos dados sociodemográficos e análise qualitativa referente a percepção dos professores sobre a temática investigada. Como resultados, pôde-se constatar que 83,95% dos participantes encontravam-se com quadro de estresse. Em relação a cultura organizacional, verificou-se que duas escolas obtiveram resultado para cultura e Integração e as demais obtiveram resultados para cultura de Relacionamento. Ao se realizar análise de correlação do Tau de Kendall entre IBACO e ISSL, não se verificou correlação entre as variáveis. Em relação a análise qualitativa, verificou-se que no que se refere aos fatores de estresse da profissão, 44% dos professores consideram que os fatores que geram mais estresse são alunos e pais. Já em relação aos fatores de estresse do

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Goiás; Especialista em Gestão de Pessoas; Mestranda em Gestão Organizacional na Universidade Federal de Goiás. E-mail: jackelinydias@hotmail.com

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, professora efetiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-Campus de Catalão, Coordenadora do Projeto de extensão em letramentos múltiplos na formação de professores dos anos iniciais em parceria com o município de Catalão. Professora do Programa de Mestrado em Gestão Organizacional.

³ Doutor em Ciências pelo Programa de Psicologia da Universidade pela Universidade de São Paulo

⁴ Doutor em Imunologia e Parasitologia Aplicadas pela Universidade Federal de Uberlândia, professor da Universidade Federal de Goiás, sub-coordenador e professor permanente do curso de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da UFG/Regional Catalão e Chefe da Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia (IBiotec).

Recebido em 27/01/2020

Aprovado em 22/02/2020

ambiente de trabalho, em primeiro lugar os docentes consideraram a Gestão como principal fator propulsor de estresse.

Palavras Chave: Adoecimento Docente, Cultura Organizacional, Estresse, IBACO e ISSL.

Abstract: Teachers' occupational disease surveys has been attracting the attention of researchers worldwide. The stress, also whas been extensively investigated since it affects both the physical part and the physical as forpsychological aspects, even reaching the individual's disability. Thus, in order to understand a relationship between these phenomena, the present study aimed to investigate the stress situation of teachers in the public school system in the city of Catalão and its relationship with the organizational culture of the schools in which it is a part. . Participated in the research 81 teachers, effective servants in the state public network, students from 4 schools. The instruments used for this survey were the Lipp Stress Inventory for Adults (ISSL) or the Brazilian Organizational Culture Assessment Instrument (IBACO) and a semi-structured questionnaire for analyzing socio-demographic data and qualitative analysis regarding the reading of teachers on the investigated theme . As a result, we found that 83.95% of the participants found themselves with stress. In relation to organizational culture, it was found that two schools obtained results for culture and integration and also obtained results for relationship culture. When performing the Kendall Tau correlation analysis between IBACO and ISSL, he did not verify the correlation between the variables. Regarding the qualitative analysis, verified that it does not refer to the stress factors of the profession, 44% of the teachers consider the factors that generate more stress are students and parents. In relation to stress factors in the work environment, in the first place of the documents considered as the main management of the stress factor.

Keywords: Teaching Illness, Organizational Culture, Stress, IBACO and ISSL.

INTRODUÇÃO

Para Lipp (2017) o estresse trata-se de uma resposta que pode envolver tanto elementos psicológicos quanto fisiológicos. Este estado acontece perante um desafio, seja ele considerado positivo ou negativo pelo indivíduo, real ou imaginário, que produza desgaste. Além desta definição, a autora salienta que o estresse pode ser compreendido, ainda, como um estado de tensão mental e física, o qual produz desequilíbrio no funcionamento geral das pessoas, o que leva a um abatimento do sistema imunológico.

Hans Selye (1965), dividiu o estresse em três fases: alerta, resistência e exaustão. Desta forma, o autor produziu o modelo trifásico da avaliação, adotado por muitos pesquisadores para investigações sobre a temática durante vários anos. Neste modelo, a primeira fase do estresse é a de alerta, que se caracteriza por ser positiva, pois é quando o indivíduo se prepara para alguma ação. A segunda fase é a da resistência, que se qualifica pelo organismo ter passado por

longos períodos de estresse, ou acumulado novos estressores. Já a terceira fase do stress, chamada de exaustão, caracteriza-se por ser a mais negativa, e é nesta etapa na qual o estresse se torna patológico.

Lipp (2017) identificou, após 15 anos de pesquisas no Laboratório de Stress da PUC, uma quarta fase do estresse, designada quase-exaustão, localizada entre as fases de resistência e de exaustão, a qual foi considerada um avanço nos estudos da temática.

Nesta nova fase do estresse a resistência física e emocional começa a se quebrar, ainda há momentos em que a pessoa consegue pensar lucidamente, tomar decisões, rir de piadas e trabalhar, porém, tudo isto é feito com esforço. Estes momentos de funcionamento normal se intercalam com momentos de total desconforto. Há muita ansiedade nesta fase, a pessoa experimenta uma gangorra emocional, no organismo o cortisol é produzido em maior quantidade e começa a ter o efeito negativo de destruir as defesas imunológicas, assim doenças começam a surgir (LIPP, 2017).

A fonte de estresse no dia a dia pode vir de diferentes fatores, incluindo escola, família, amigos, interações com terceiros, trabalho e outros. Straub (2014) ressalta que pesquisas em psicologia da saúde apontam que os estressores, ou seja, aquilo que provoca estresse, são eventos ou situações difíceis que desencadeiam adaptações de enfrentamento na pessoa. O estresse é um processo pelo qual a pessoa percebe e responde a eventos que considera desafiadores ou ameaçadores. Os processos biológicos que ocorrem quando sentimos estresse podem diferir um pouco, conforme a fisiologia singular e os níveis de reatividade fisiológica de cada indivíduo, mas os mesmos processos básicos afetam a todos. As influências psicológicas afetam a maneira como as pessoas avaliam situações desafiadoras, sejam controláveis (não estressantes) ou incontroláveis (estressantes).

Já em relação a cultura Para Libâneo (2001) os estudos sobre a organização escolar são recorrentes, e vêm indicando que a escola não se trata apenas de uma estrutura objetiva, independente de pessoas, ao contrário, depende muito das experiências subjetivas, das interações sociais dos significados que as pessoas produzem e mantém e que são construídas pelos indivíduos e pela organização. Esta descrição é comumente conhecida como cultura de uma organização.

Lück (2017) enfatiza que a cultura organizacional escolar é composta por elementos relacionais, os quais são aprendidos de forma coletiva na prática escolar e que se articulam e auxiliam na construção da identidade, do sentido, gestão, relações entre os membros,

constituindo-se papel de mobilização e articulação das pessoas. Eles podem ser caracterizados, ainda, como um conjunto de elementos construídos pela coletividade escolar, a fim de auxiliar no enfrentamento a desafios da instituição.

Assim, compreende-se que a forma de manifestação da cultura organizacional escolar ocorre de diversos modos, seja por meio do clima, das opiniões do grupo, artefatos, discursos e ideias partilhadas, costumes, símbolos ou histórias compartilhadas pelo grupo e estas formas de manifestação cultural são reflexos da comunicação e relacionamento interpessoal, dos processos de tomada de decisão, dos estilos de liderança e gestão e do como a organização enfrenta os problemas e desafios cotidianos.

Em se tratando da relação entre cultura organizacional e estresse docente, Lucena (2010) aponta que ao associar tais variáveis, há uma prevalência do risco ao estresse ocupacional em culturas com características mais hierárquicas, com regras mais rígidas, assim como maior burocracia. Ao se pensar a relação entre cultura organizacional e saúde no trabalho, Peçanha (2009) salienta que os mesmos ainda são embrionários, constituindo-se necessário outros que realizem articulação entre essas dimensões. O autor sugere reflexões e pesquisas que analisem os efeitos da cultura organizacional sobre a saúde das pessoas de uma mesma organização, à fim de realizar uma comparação entre as dimensões.

No que tange sobre a relação entre estresse e cultura, Aguiar (2017) sugere que algumas pesquisas indicam a cultura organizacional como preditora para o desenvolvimento de estresse ocupacional e síndrome de Burnout, evidenciando, ainda mais, a curiosidade de se relacionar estas temáticas.

MÉTODO

PARTICIPANTES E AMOSTRA

Participaram deste estudo 81 professores, servidores em escolas públicas estaduais da cidade de Catalão/GO. De acordo com levantamento do IBGE de 2018 a cidade possui 18 escolas estaduais e uma população de 966 professores de ensino fundamental e médio. Utilizando-se cálculo de amostragem para esta população foi atingido o índice de confiabilidade de 90%, com margem de erro de 8.7%. Como critério para seleção das escolas, foram escolhidas as 4 maiores escolas estaduais da região, segundo o *ranking* adotado pelo QEDU ([2019]), a fim de contemplar um número maior de professores participantes.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS PARTICIPANTES

Crériterios de inclusão: foram incluídos no estudo professores com efetiva atuação na docência, há no mínimo 6 meses, que trabalhem na rede pública estadual nas escolas selecionadas para a pesquisa, na cidade de Catalão/GO. **Crériterios de exclusão:** foram excluídos professores que não lecionem nas escolas pesquisadas, docentes que estão há menos de 6 meses na docência e os professores que estejam somente em funções administrativas.

INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionados três instrumentos. O primeiro é o ISSL, o qual foi utilizado para verificar se o professor estava com quadro de estresse, qual a sintomatologia e a fase do estresse que se encontrava. O segundo instrumento, IBACO, foi utilizado para identificar a cultura organizacional da escola. E, por último, foi utilizado um questionário semiestruturado para levantamento de dados sócio-demográficos e de percepção dos participantes, o qual foi baseado nos estudos de Bastos (2009).

Caracterização da Amostra

Participaram do estudo 81 professores, servidores, que lecionam em escolas públicas há mais de 6 meses. A faixa etária predominante é de 41 a 45 anos (27,2%), seguida por 36 a 40 anos (25,9%) e 46 a 50 anos (23,5%). Em relação ao sexo, predominou o feminino (76,5%) sobre o masculino (23,5%). Sobre o estado civil dos participantes, 67,9% eram casados, 14,8% divorciados, 9,9% solteiros e 1,2% viúvos e os demais 6,2% escolheram a opção “outro” no que se refere ao estado civil. Já em relação a quantidade de filhos, 45,68% dos participantes relataram possuir 2 filhos, 33,33% possuem 1 filho, 9,88% possuem 3 filhos e 11,11% não possuem filhos. Sobre ao tipo de transporte utilizado para ir ao trabalho, 85,19% usam automóvel, 11,11% usam motocicleta, 2,47% vão a pé e apenas 1,23% utilizam transporte coletivo. Em relação ao tempo de trabalho na escola, 33,33% relataram estar há mais de 9 anos na mesma escola, 17,28% estavam entre 8 a 9 anos, e 19,75% estavam entre 1 e 2 anos. Estes resultados sugerem estabilidade do quadro docente, sendo que a maioria dos profissionais se encontra na escola há mais de 2 anos.

Em relação aos níveis de ensino que os participantes lecionam, 35,80% são docentes do ensino fundamental e também do ensino médio, 30% são professores do ensino médio e 25,93% dão aula para o ensino fundamental. Sobre ao número de disciplinas lecionadas, grande parte

leciona uma disciplina (32,50%), seguidos de duas disciplinas (30%) e três disciplinas (20%). Sendo que destas disciplinas lecionadas 86,25% não são da mesma série. Destes, 51,25% dos docentes ministram aulas no período matutino e vespertino. A maioria (57,50%) nunca ficou afastada do trabalho.

Resultados e Análise do ISSL

Como ressaltado anteriormente o ISSL é capaz de fornecer três tipos de resultados: 1 - se o indivíduo está com quadro de estresse; 2 - a fase do estresse que ele se encontra; 3 - a sintomatologia prevalente. Em relação ao primeiro item, o instrumento apontou que 83,95% dos participantes estavam com quadro de estresse, enquanto 16,05% não.

Estudos de Rocha et al. (2016) utilizando o ISSL apontaram que 45% dos participantes estavam com quadro de estresse. Já nos estudos de Oliveira e Cardoso (2011), com 91 docentes, 24,2% estavam no referido quadro. Por sua vez, os estudos de Goulart Júnior e Lipp (2008), realizados com 175 professores da rede pública estadual, apontaram que 56,6% dos professores estavam experimentando estresse.

Comparando os resultados destas pesquisas com os dados encontrados no presente trabalho (83,95%), percebe-se que há um número elevado de professores com estresse nas escolas públicas investigadas. Sendo assim, é possível conjecturar que a alta incidência de estresse pode acentuar o surgimento de doenças e tensões dos professores.

Em relação às fases do estresse, o instrumento apontou que 12,35% encontram-se na de Alerta, 34,57% na de Resistência, 25,93% na de Quase-exaustão e 9,88% na de Exaustão. O instrumento apontou, ainda, que 17,28% não apresentaram estresse.

Oliveira e Cardoso (2011) relatam que na amostra de professores que participaram de sua pesquisa, a maior parte encontrava-se na fase de resistência (95,4%). O mesmo ocorreu nos estudos de Martins (2007), onde a fase predominante nos professores foi a de resistência (55,3%). No presente estudo pode-se verificar que os dados corroboram com as pesquisas anteriores, sendo que a maior parte dos docentes também se encontram na fase de Resistência (34,57%), o que pode sugerir uma estratégia de resiliência para enfrentar os desafios, já que nesta fase há uma busca pelo equilíbrio interno. Não obstante, esta tentativa de combate do organismo aos estressores pode gerar uma série de desgastes físicos e psicológicos, visando rearmonizar o organismo.

O ISSL oferece um resultado específico em relação a sintomatologia predominante na amostra estudada. Pode-se verificar que não houve grandes diferenças entre os sintomas físicos e psicológicos, apresentados pelos participantes do presente estudo, sendo que 41,98% dos professores apresentaram predominância de sintomas físicos e 43,21% predominância de sintomas psicológicos.

Os dados anteriores diferem da pesquisa de Martins (2007), realizada com 51 professores, que aponta 49% dos participantes apresentaram sintomatologia psicológica, enquanto 37,3% apresentaram sintomatologia física e apenas 13% apresentaram sintomatologia física e psicológica. Um dos motivos para este resultado pode ser que a grande parte dos professores do presente estudo encontram-se na fase de resistência, na qual pelo organismo estar lutando para chegar à homeostase novamente, há um grande desgaste físico.

Resultados e análise do IBACO

O instrumento para análise de cultura organizacional IBACO prevê 7 tipos de cultura, no entanto na presente pesquisa foram identificados apenas 2 tipos de cultura organizacional presente nas escolas investigadas, conforme demonstra o gráfico a saber.

Pode-se verificar que as escolas A e C obtiveram resultado para cultura de Integração, já as escolas B e D obtiveram resultados do IBACO para cultura de Relacionamento.

Análise da Relação entre Cultura Organizacional e Estresse (ISSL x IBACO)

Para responder à pergunta principal deste trabalho foram realizadas análises entre o instrumento IBACO e ISSL e as perguntas 14 e 19 do questionário semiestruturado com ISSL. Em relação aos instrumentos IBACO e ISSL, para avaliar a intensidade entre as variáveis, foi realizada uma análise de estatística inferencial, por meio da correlação do Tau de Kendall, para explorar o sentido e a intensidade entre as mesmas. Os resultados da correlação indicaram um $\tau = 0,07$ e $p = 0,52$, este resultado indica uma correlação baixa entre os instrumentos. Por meio da análise de referência cruzada entre ISSL e IBACO obteve-se que 46,91% dos professores com estresse encontram-se em escolas com cultura de Relacionamento, enquanto 37,04% encontram-se em escolas com cultura de Integração.

Em relação as escolas com cultura de integração, Just et al. (2018) em estudo com IBACO em uma instituição de ensino superior, encontraram resultados semelhantes, os autores afirmam que a cultura de Integração sugere que o corpo docente está alinhado com a cultura da

organização escolar, a qual prima pelo planejamento estratégico com foco ao cliente externo e nos altos escalões da organização, sendo que esta percepção contribui para o alcance das metas organizacionais.

Para Ferreira e Assmar (2008) a cultura de integração caracteriza-se como aquela voltada para o atendimento ao cliente externo, o que vai ao encontro com um ambiente escolar onde o principal foco de trabalho é o aluno. Este tipo de cultura caracteriza-se, ainda, como tendo em foco as decisões centradas nos escalões superiores da organização. Ao analisar as respostas dos professores participantes em relação a gestão destas escolas, os mesmos relataram que se trata de estilos de gestão mais centralizados, com pouca participação dos professores.

[...] Ambiente pouco reflexivo, onde as decisões não são tomadas em conjunto e sim deliberadas de forma imposta e quase nunca de forma democrática. Gerando quase sempre um estresse desnecessário que poderia ser evitado com certo cuidado[...] (Participante B0227)

Vegro et al. (2016) expõem que a cooperação no trabalho pode coexistir com rigidez hierárquica e a busca por satisfação de relacionamentos, este aspecto pode sugerir que apesar da busca pela promoção de relacionamentos a permanência da instituição por valores de rigidez e controle do trabalho pode prejudicar a participação do colaborador em processos decisórios e isto atrapalha tanto a comunicação quanto o relacionamento, o que pode levar a insatisfação, desmotivação e adoecimento no trabalho.

Para Ferreira e Assmar (2008), a cultura de Relacionamento se caracteriza por ser uma cultura organizacional que dispõe de práticas que são orientadas para a promoção de relações interpessoais e satisfação entre os colaboradores, neste sentido observa-se respostas dos professores relacionadas tanto ao alunado quanto ao excesso de trabalho:

[...] O ambiente de trabalho (relacionamento entre os colegas e relacionamento com a gestão é bom) os fatores geradores de estresses estão relacionados a questões que envolvem: excesso de trabalho; desrespeito por parte de alguns pais e por parte de vários alunos [...] (Participante A01012)

Desta forma, apesar de ter um bom relacionamento interno, entre as equipes e os gestores, a relação com alunado e outras dificuldades no ambiente de uma escola pública podem corroborar para o estresse docente. Rudy, Vogt e Oliveira (2014) assinalam que as principais demandas de indisciplina em salas de aula são relacionadas ao comportamento agressivo e violento dos alunos, apresentando assim a necessidade de fornecer aos professores não apenas

a prevenção, mas também a importância da implementação de programas de intervenção que envolvam toda comunidade educacional, incluindo os pais ou responsáveis pelo aluno.

Fatores da Profissão Docente que contribuem para o estresse – Análise Qualitativa

Ainda com intuito de responder aos objetivos da presente pesquisa, foi realizada uma análise entre as perguntas 14 e 19 do questionário semiestruturado e os resultados do ISSL e construção categorias que relacionam o estresse e a profissão docente e o ambiente organizacional escolar.

A pergunta 14 tinha como intuito verificar, na percepção do professor, quais os principais fatores na *profissão* que contribuíam para o estresse docente. Neste sentido, o intuito era levantar a percepção do professor sobre o que na *profissão docente* era considerado como um fator altamente estressor. Já a pergunta 19 tinha como intuito verificar na percepção do professor, quais os principais fatores no *ambiente escolar* que contribuíam para o estresse do professor, ou seja, o que no *ambiente da escola* poderia ser considerado como fator altamente estressor.

Após organização do material em planilha, foi realizada leitura flutuante dos relatos dos professores, os quais foram divididos em indicadores, o que permitiu a codificação das respostas em três categorias, conforme descrito a seguir: Para construção dos indicadores, os relatos foram separados em indicadores, conforme demonstrado na Tabela 6.

Tabela 1 – Lista de Indicadores por Categorias

Indicadores da Categoria 1	Indicadores da Categoria 2	Indicadores da Categoria 3
Gestão da Escola	Alunos e Pais	Estrutura
Cobranças excessivas	Falta de respeito com professor;	Estrutura física precária
Autoritarismos	Falta de interesse dos alunos;	Falta de materiais didáticos
Imposição de atividades	Falta de participação dos pais e responsáveis na escola;	Quantidade grande de alunos por sala
Falta de diálogo	Violência no ambiente escolar;	Baixa remuneração
Relação com superior imediato	Indisciplina dos alunos e desinteresse;	Falta de um plano de carreira
Cobrança para produção de trabalho	Tráfico de drogas;	Políticas governamentais insuficiente

Falta de autonomia	Falta de valorização social.	Mudanças de gestão que não dão continuidade as ações anteriores
Falta de diálogo com superior		Cargas horárias excessivas.
Relacionamento com gestor e colegas		
Perseguição dos chefes imediatos		

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os resultados obtidos nas perguntas 14 e 19 tiveram diferença quanto a ordem dos fatores que contribuíam para o estresse do professor, conforme demonstra a tabela a saber.

Tabela 2 – Resultado do percentual de cada categoria da análise qualitativa

Q.14 - Fatores de Estresse da Profissão	%	Q.19 - Fatores de Estresse do ambiente de trabalho	%
Categoria 2 - Alunos/Pais	44%	Categoria 1 -Gestão	39%
Categoria 3 – Estrutura	43%	Categoria 2 - Alunos/Pais	36%
Categoria 1 – Gestão	13%	Categoria 3 - Estrutura	25%

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Para a pergunta 14, a qual buscava verificar os fatores da profissão que contribuíam para o estresse, destacaram-se as categorias 2 e 3 como sendo os principais fatores, já na pergunta 19, a qual buscava investigar sobre os fatores do ambiente, destacaram-se em primeiro lugar a categoria 1 e em segundo lugar a categoria 2. Ao serem realizadas análises de correlação de Tau de Kendall, entre a pergunta 14 e o ISSL, pode se constatar um coeficiente de correlação τ de 0,2 e $p = 0,008$. Já a análise entre a pergunta 19 e o ISSL constatou um coeficiente de correlação τ de 0,1 e $p = 0,35$.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho como sendo fonte de realização pessoal e profissional torna-se, muitas vezes, o cerne de patologias que prejudicam a vida e saúde dos colaboradores. Pesquisas no Brasil e no mundo vêm tentando verificar a relação entre tais doenças e os fatores que propiciam que estas apareçam. Pensar em um ambiente de trabalho que seja totalmente livre de tais fatores adoecedores pode parecer impossível, no entanto, é importante pesquisas que auxiliem a levantar aqueles fatores que se tornam propulsores mais vorazes destas patologias, para que

sejam desenvolvidas estratégias de enfrentamento e combate, auxiliando as organizações públicas e privadas na construção de um ambiente de trabalho mais saudável.

Pensando no ambiente escolar, os professores, são facilitadores do processo educativo, auxiliando o alunado no seu desenvolvimento não apenas intelectual, mas ainda como cidadão. E apesar desta grande relevância social, nas últimas décadas os estudos e pesquisas que vêm sendo desenvolvidas apontam que o trabalho docente, além de envolver inúmeras problemáticas, reflete muitas vezes no aumento de tensão e na elevação dos níveis de responsabilidade, o que afeta diretamente a vida do professor, corroborando para surgimento de estresse o que muitas vezes pode vir a colaborar em um afastamento do trabalho (AGUIAR, 2017).

Ao se realizar esta pesquisa, o objetivo principal consistia em verificar a relação entre o estresse e a cultura organizacional da escola a qual o docente fazia parte. Considera-se que os objetivos da presente foram atendidos, sendo que os resultados do IBACO x ISSL apontaram baixa correlação entre os instrumentos.

Já na análise qualitativa, verificou-se que 39% dos docentes consideravam como principal fator de estresse no ambiente de trabalho a gestão da escola. Ao se verificar a quantidade de professores que consideravam o trabalho como fonte de estresse, uma grande quantidade dos professores (45%) que encontram-se no quadro de estresse, consideraram o ambiente de trabalho, ou seja, a escola como a principal fonte deste sofrimento, o que neste sentido caracteriza-se como um número expressivo.

No que se refere aos resultados do ISSL destacam-se a alta taxa de professores no quadro de estresse, e destes, a grande quantidade que encontra-se nas fases que carecem urgentemente de intervenção (Resistência, Quase-exaustão e Exaustão) já que além de afetar a parte física o estresse pode levar o a uma Síndrome de Burnout, o que afeta o indivíduo como um todo, não apenas no ambiente escolar, mas também em sua vida privada.

Em relação aos fatores que corroboram para o estresse docente, pode-se verificar uma diferença na percepção dos professores em relação aos fatores que contribuem para o mesmo que são da profissão e os fatores que contribuem para o estresse e que são oriundos do ambiente organizacional. No primeiro, os professores consideraram como principal a relação com alunos e pais enquanto que no ambiente consideraram a gestão como o principal fator promotor de estresse. A este respeito Libâneo (2001) ressalta que a qualidade no ensino depende não apenas da formação do profissional, mas também das mudanças no âmbito da gestão organizacional,

assim muitas vezes o despreparo do gestor interfere na vida escolar como um todo, provocando uma série de desmotivações e conflitos.

No que tange aos resultados do IBACO, merecem destaques os fatores que sobressaíram em professores no quadro de estresse. Estes apontaram que grande destes profissionais consideram que atender as necessidades dos alunos é uma das metas mais importantes. Outro fator constantemente mencionado é a insatisfação em relação aos programas de benefícios e premiações ao atingirem as metas estabelecidas.

Estes dados colaboram para reforçar que o docente para além de ser um agente transformador, é também um colaborador que precisa de estímulos reforçadores no que tange a profissão. Percebe-se nos relatos que o apreço pela profissão auxilia grandemente na motivação, no entanto, se isto não vem apoiado em planos de cargos e carreira e uma remuneração justa e digna, pode afetar no interesse tanto dos atuais profissionais em permanecer na docência, quanto no ingresso de futuros profissionais, ao constatar previamente que trata-se de uma profissão pouco valorizada.

Por meio da revisão de literatura realizada, vê-se que o estresse em seus níveis elevados torna-se um problema, já que estes estados podem provocar o surgimento de doenças físicas e emocionais aos quais vêm se tornando cada vez mais presente no cotidiano do professor. Sendo este um problema de saúde, é imprescindível não apenas compreender os fatores que auxiliam o seu surgimento, mas ainda começar a traçar os caminhos pela frente para que ele seja combatido e/ou minimizado.

Neste sentido, a presente pesquisa, com intuito de contribuir na reflexão de propostas que propiciem a ampliação da atenção na saúde do professor e no desenvolvimento e preparo dos gestores, apresentou os dados obtidos em audiência pública, junto a Comissão de Educação Cultura e Esporte da Assembleia Legislativa de Goiás, em novembro de 2019. Como primeiro fruto da referida audiência pública foi deliberada a formação de um grupo, dos quais a pesquisadora, sua orientadora e seu coorientador farão parte, para levantamento de dados, sistematização dos mesmos e proposição de melhorias ao Poder Público. Espera-se que esta pesquisa auxilie na promoção de efetivas melhorias na gestão organizacional escolar e na saúde mental do corpo docente das escolas públicas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carolina Villa Nova et al. Cultura organizacional e adoecimento no trabalho: uma revisão sobre as relações entre cultura, Burnout e estresse ocupacional. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. 1.], v. 6, n. 2, p. 121-131, 2017. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1157/890>>. Acesso em: 03 jan. 2020. DOI: 10.17267/2317-3394rpd.v6i2.1157

FERREIRA, Maria Cristina; ASSMAR, Eveline Maria Leal. Cultura organizacional. In: SIRQUEIRA, Mirlene Maria Matias (org.). **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico e de gestão**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOULART JUNIOR, Edward. LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, p. 847-857, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400023>. Acesso em: 03 jan. 2020.

GONÇALVES, Ana Sofia Resque; DE PIRES, Denise Elvira Pires. O trabalho de docentes universitários da saúde: situações geradoras de prazer e sofrimento **Revista Enfermagem UERJ**, v. 23, n. 2, p. 266-271, 2015. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v23n2/v23n2a20.pdf>>. Acesso em 03 jan. 2020.

SELYE, Hans. A síndrome do estresse. *The American Journal of Nursing*, 1965.

JUST, Magela Duarte et al. A cultura organizacional em uma instituição de ensino superior privado, na perspectiva de diferentes públicos. **Contextus: Revista Contemporânea de economia e gestão**, v. 16, n. 1, p. 8-31, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/32288>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

LIBANEO, José Carlos. Buscando a qualidade social do ensino. In: *Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática*. Goiânia: Alternativa, 2001

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017.

_____. **Stress do Professor**. Campinas: Papirus Editora, 2003.

_____. **Manual do Inventario de sintomas (ISLL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LUCENA, Eduardo Soares. **Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos**. Dissertação (mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional), Universidade de Taubaté, Taubaté, 2010. Disponível em: <http://www.bdt.unitau.br/tesdesimplificado/tde_arquivos/2/TDE-2012-11-20T095340Z-462/Publico/Eduardo%20Soares%20Lucena.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2020.

LÜCK, Heloísa. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTINS, Maria das Graças Teles. Sintomas de stress em professores brasileiros. *Revista Lusófona de Educação*, n. 10, p. 109-128, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/637/532>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

OLIVEIRA, Maria das Graças Marrocos de; CARDOSO, Cármen Lúcia. Stress e trabalho docente na área de saúde. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 28, n. 2, p. 135-141, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n2/01.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

PEÇANHA, Dóris Lieth Nunes. Cultura organizacional e saúde - contribuições da psicodinâmica do trabalho. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 329-344, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000200010>. Acesso em: 03 jan. 2020.

QEDU. **Censo Escolar - Lista completa de escolas, cidades e estados**. [S. l], [2019]. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/busca>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

ROCHA, Ricelli Endrigo Ruppel et al. Prevalência de estresse e qualidade de vida de professores de educação física da educação básica. *Unoesc Ciênc. ACHS U&C-ACHS*, v. 7, n. 2, p. 219-22, 2016. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/10771>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

RUDY Ana Maria Cordeiro, VOGT, Ana Cristina, OLIVEIRA, Maria Cecília Marin. A indisciplina e a agressividade na sala de aula. *Revista Jurídica Uniandrade*, v. 20, n. 1, p. 195-228, 2014. Disponível em: <<https://www.uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/juridica/article/download/129/111>>. Acesso em 04 jan. 2020.

STRAUB, Richard O. **Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

TERRA, Fábio de Souza; SECCO, Iara Aparecida de Oliveira; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. Perfil dos docentes de cursos de graduação em enfermagem de universidades públicas e privadas. *Rev. enferm. UERJ*, p. 26-33, 2011. Disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v19n1/v19n1a05.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2020

VEGRO, Thamiris Cavazzani et al. Cultura organizacional de um hospital privado. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/49776>>. Acesso em 04 jan. 2020